

VISÃO DO CORREIO

Nomes à mesa no tabuleiro eleitoral

Apesar de a eleição para o Palácio do Planalto estar distante mais de um ano do seu primeiro turno, a corrida eleitoral teve a sua largada nas últimas semanas. Enquanto no campo mais à esquerda há uma maior clareza, justamente pela possibilidade de reeleição de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), no âmbito conservador há incertezas sobre quem desafiaria o atual chefe do Executivo. Em jogo está o eleitorado alinhado ao ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), que está inegável.

Vários nomes se colocam na mesa do tabuleiro — em especial os governadores Tarcísio de Freitas (Republicanos), de São Paulo; Ronaldo Caiado (União), de Goiás; Romeu Zema (Novo), de Minas Gerais; Ratinho Jr. (PSD), do Paraná; Eduardo Leite (PSD), do Rio Grande do Sul —, que convergem para um ponto: o gosto pela polarização.

No discurso, os postulantes a evitar um quarto mandato de Lula afirmam que o Brasil não merece viver a dicotomia entre o lulopetismo e o bolsonarismo. Garantem que oferecem uma terceira via. Na prática, porém, oferecem muito pouco ao eleitor que procura uma alternativa.

Como mostrou a última pesquisa Quaest, essa parcela da população é maior, independentemente do recorte salarial. Entre os mais pobres, 56% não se classificam como lulistas nem como bolsonaristas. Essa fatia cresce para 69% na classe média, e para 72% entre os mais ricos. Ou seja, há uma rejeição à figura dos dois políticos que protagonizaram a disputa há três anos.

A oferta, no entanto, não atende à demanda. O discurso dos governadores pré-candidatos citados continua alinhado às bases do bolsonarismo. A defesa integral da anistia dos condenados pelos atos

golpistas do 8 de Janeiro é o maior exemplo disso — sem entrar no mérito se há ou não exagero em algumas condenações.

A participação do governador de Minas Romeu Zema no Programa *Roda Viva*, da TV Cultura, foi emblemática nesse sentido. Ele garantiu que seu vínculo com Bolsonaro “não é tão grande”, mas confessou que visitou o ex-presidente recentemente para informar sobre o lançamento de sua pré-candidatura em São Paulo, o que é chamado de “pedir a bênção” no jargão político.

No último sábado, em discurso durante a Festa do Peão de Barretos — no interior de São Paulo —, Tarcísio levantou um boneco de Jair Bolsonaro para homenagear aquele que fez “tudo por ele” e que é vítima de uma “grande injustiça”. O governador de São Paulo dividia o palco com Zema e Caiado, que tem repetido a promessa de anistiar o ex-presidente caso chegue ao Palácio do Planalto.

A busca por uma país pacificado não deve passar por uma aproximação da polarização, mas pela apresentação de um plano de governo coerente com as necessidades da população, independentemente do espectro ideológico. Na esquerda, por sua vez, a elaboração de políticas públicas também precisa ser prioritária, ainda que os desafios sejam grandes no que diz respeito ao relacionamento com o Congresso Nacional, majoritariamente conservador.

Em uma guerra de narrativas que dividiu o país, os números da Quaest escancararam a demanda da população por uma nova maneira de fazer política. Mesmo sem caneta federal nas mãos, os pré-candidatos, se querem ter sucesso nas urnas, precisam apresentar esse paradigma alternativo no discurso de agora.



RODRIGO CRAVEIRO

rodrigocraveiro.df@dabr.com.br

Um mundo em distopia

Vivemos uma espécie de distopia, uma inversão de valores que me causa estranheza e preocupação. A maior potência do planeta — ou seria a China? — é governada por um narcisista. Alguém que, apesar de promover uma perseguição sem precedentes aos imigrantes ilegais e travar uma batalha ideológica contra as maiores universidades de seu país, faz uma autocompanha para ganhar o Nobel da Paz. Um chefe de Estado que se orgulha de ter acabado com a guerra entre Israel e Irã, mesmo que tenha mandado seus caças e bombardeiros atacarem o território iraniano e ameaçado matar o aiatolá Ali Khamenei. Um presidente que impõe tarifas ao mundo para dobrar-lhe os joelhos e fazer valer seus interesses econômicos; que não se furta em se intrometer em assuntos de outras nações, em uma clara ingerência política e diplomática; e que demite a diretora do próprio Federal Reserve (Banco Central dos EUA), ainda que essa atribuição não seja sua.

A distopia faz com que alguns normalizem o fato de um deputado federal licenciado fazer uma campanha deliberada contra a economia da própria nação, à sombra daquele mesmo líder americano, apenas para impedir que o Supremo Tribunal Federal honre seu papel de guardião da Constituição. Esse mesmo deputado, a partir dos Estados Unidos, tenta obter à marra uma anistia para o pai, acusado de golpismo, e ameaça jogar no desemprego e na sarjeta milhões de brasileiros. Como ele próprio disse, em um cenário de terra arrasada no Brasil, pelo menos se sentirá vingado.

Depois da doutrinação ideológica, muitos brasileiros aceitam passivamente a mancha na Faixa de Gaza como uma ação legítima contra o grupo terrorista Hamas. Não se comovem com as cenas de horror, os corpos

empilhados, os seres humanos castigados pela fome e transformados em ossos e pele. A indiferença de muitos países lança a humanidade em uma letargia. É quase como a também normalização da morte em massa. O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, considera um ataque ao único hospital em funcionam na Faixa de Gaza e os assassinatos de cinco jornalistas no bombardeio de segunda-feira, em Khan Yunis, como um “acidente trágico”. É quase sempre a mesma desculpa esfarrapada: a de que o Hamas usa hospitais como base. Como se isso legitimasse o massacre de civis. Ontem, Israel afirmou ter eliminado “seis terroristas” no hospital e alegou que o alvo era um cinegrafista do Hamas.

No Brasil, não se pode mais defender as aspirações — legítimas, diga-se de passagem — do povo palestino por um Estado independente e soberano. Pouco antes de escrever este artigo, o ministro da Defesa de Netanyahu, Israel Katz, chamou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva de “antissemita apoiador do Hamas”. Tudo porque Lula tocou em um grande tabu, ao comparar as ações das Forças de Defesa de Israel em Gaza às do Exército nazista durante o Holocausto. Todos os dias recebemos imagens de Gaza pelas agências de notícias. Muitas delas mostram crianças de corpos esqueléticos, engolidos pela fome.

A distopia segue seu curso na guerra da Rússia contra a Ucrânia. O presidente Vladimir Putin parece determinado a forçar a ex-república soviética a ceder parte de seu território. É mais um absurdo de um conflito repleto de absurdos. As forças russas sequestram cerca de 20 mil crianças ucranianas e as levaram para territórios ocupados ou para a própria Rússia. Mais um sinal de um mundo em dessarranjo.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Esferas de concreto

Foi de capital importância o artigo sobre as esferas de concreto instaladas no Setor de Diversões Norte, da lavra do ilustre diretor curador dos palácios presidenciais do Brasil Rogério Carvalho (edição de 26 de agosto). Muitas inovações que vêm sendo feitas deformam o aspecto de Brasília, concebida por Lucio Costa para ser uma cidade moderna, não apenas como urbs, mas como civitas, feita para o cidadão usufruir dos espaços livremente e se sentir integrado ao conjunto urbanístico. Todos os obstáculos à sua movimentação, como possuidor da cidade, contrariam a filosofia que a criou. As esferas são agressões ao plano imaginado e ao cidadão. A essa preocupação do curador acrescento: como ficam os indecorosos estacionamentos pagos, que formam currais no centro da cidade? Não são também incompatíveis com o plano original? Não tomam o espaço do cidadão? E ainda há uns gênios que querem cobrar até estacionamento dentro das quadras residenciais, onde os moradores obrigatoriamente têm que estacionar seus carros, sem outra opção. Se isso vier a ser concretizado, Brasília deixará de ser civitas para ser feudum.

» Roberto Doglia Azambuja
Asa Sul

Reforma administrativa

Estamos na iminência de conhecermos o texto final do relatório de Reforma Administrativa, a ser apresentado pelo deputado Pedro Paulo (PSD-RJ). Essa reforma será muito bem-vinda, desde que não venha acompanhada: 1) do desmantelamento dos órgãos que combatem crimes ambientais, tráfico de drogas, armas e minerais, grilagem de terras públicas, sonegação fiscal, saúde pública, sistema financeiro, jogos ilegais, bem como outros que assolam nossa sociedade; e 2) de flexibilização da autonomia dos servidores públicos, que têm que ser blindados das ingerências dos políticos de “plantão”. É notório que há muitos pontos a serem aperfeiçoados — por exemplo, o modelo dos processos seletivos, os sistemas avaliativos e a adaptação de cargos à nova realidade social. Não vejo com bons olhos bonificações por produtividade. A excelência do serviço tem que ser uma máxima para todos. O populismo tem que ser afastado do debate. Comparando o quadro efetivo brasileiro com diversas nações, comprovamos que a máquina pública não é inchada. Na verdade, temos uma má distribuição e, em algumas situações, um descompasso salarial.

» Daniel Cunha
Águas Claras

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Brasília já foi chamada de capital do rock, do axé, do forró. Atualmente, é capital do feminicídio.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Não há justificativa para a dor de um corpo infantil marcado por tortura. Há apenas urgência em proteger o que ainda resta de inocência. O choro das crianças ecoa onde deveria haver afeto!

Pacelli M. Zahler — Sudoeste

Quem foi ao Maracanã, na noite de segunda-feira, assistir a Flamengo 8x0 Vitória não comprou ingresso. Comprou couvert artístico.

Ricardo Santoro — Lago Sul

Trump sugere que americanos talvez gostem de um “ditador”. Toda essa raiva de Cuba, então, é puro recalque!

Cândida Medeiros — Recife (PE)

Hytalo Santos será libertado. A Justiça aqui funciona assim: inocentes presos e bandidos soltos!

Silas Nascimento — Brasília

O influencer e explorador sexual de crianças é libertado da prisão em São Paulo. Este é o Brasil da boa justiça.

Eduardo Martins — Brasília

Gás gratuito: não existe almoço grátis. Quem paga essa conta são todos os brasileiros que pagam impostos, direta ou indiretamente.

Meire Carvalho — Brasília

dou-se um caminho acelerado para um governo autoritário. Trump declarou: “Muita gente está dizendo que talvez gostaríamos de um ditador”, e ameaçou cassar concessões dos canais de televisão ABC e NBC, por discordar da cobertura jornalística. Esses não são fatos isolados. Diversos atos mostram que seu objetivo vai além da presidência, flertando com a autocracia. No Brasil, aprendemos que a democracia não se destrói de uma só vez, mas em pequenas doses, até que não haja mais volta.

» Marcus Aurelio de Carvalho
Campo Grande (SP)

Feminicidas

Difícil imaginar como é a reação de uma mãe que recebe uma mensagem: “Acho que matei sua filha”. Do outro lado da linha, o suposto namorado da filha. Suposto, sim, pois o indivíduo é mais um dos monstros e covardes que agridem e assassinam friamente as namoradas e companheiras. Não tenho filhas, mas, sim, irmãs mais novas. Não suportaria ver nenhuma delas sob sofrimento de ato extremo do machismo ignorante. A punição aplicada aos feminicidas não é rigorosa como deveria. Esses elementos deveriam ser jogados em presídios de segurança máxima e deles nunca mais saírem, pois, se libertados, não deixarão de enlutar outras famílias.

» Maria Inês Gonçalves
Sobradinho

Bullying

Precisamos melhorar a atuação das denúncias de bullying nas escolas. Esse jovem que planejava um ataque terrorista em uma escola de Brasília alegou ter sofrido bullying na escola, e ninguém deu a mínima. É preciso investigar. Nada justifica o que eles iriam fazer, mas os servidores das escolas precisam monitorar esse tipo de denúncias para que não se chegue a isso.

» Elenita Braga
Brasília

Ditadura indisfarçável

Reconheço que não sou especialista em política estadunidense, mas, nós, brasileiros, conhecemos de perto como uma democracia é destruída. Na campanha de Donald Trump, havia sinais. Aos poucos, entre conivência e perplexidade, consolidou-se um caminho acelerado para um governo autoritário.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h; domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br